



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MASCULINIDADES EM SOCIABILIDADES JUVENIS: ENTRE SUBVERSÕES E (RE)PRODUÇÕES DE GÊNERO

Alexandre Martins Joca

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e-mail: alexmartinsjoca@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é parte da pesquisa de doutorado “Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis”, desenvolvida com jovens frequentadores de praças da cidade de Fortaleza/CE. A pesquisa, de cunho etnográfico, busca compreender como esses jovens articulam e mobilizam em seus espaços públicos – ruas e praças - de sociabilidades, marcadores e dispositivos de gênero e sexualidades. O percurso metodológico utilizou técnicas como observação participante, grupos de discussão e entrevistas semiestruturadas. Aqui, dou ênfase e aprofundo questões específicas sobre os processos de (re)produção de sentidos, significados e saberes juvenis sobre gênero e masculinidades, de modo que os estudos de Machado Pais (2003), Paulo Carrano (2001), Judith Butler (2003), Guacira Louro (1997), Peter Fry (1982), Miguel Vale de Almeida (1995), Durval Muniz (2003) e Fernando Seffner (2004), entre outros, nos auxiliam teoricamente. Em meio a autoafirmação de viverem em “tempos de misturas” de orientações sexuais e de estilos juvenis, de “homem de verdade” à “bichas pintosas”, uma diversidade de categorias êmicas surgem no repertório dessas misturas juvenis, determinantes no ornamento das relações afetivo-sexuais e das grupalidades constituídas. Quanto a identidades e/ou identificações de gênero e de estilos juvenis, apesar de elementos que apontam para uma subversão de marcadores binários de gênero e afirmação e defesa da diversidade de orientações sexuais, a pesquisa identifica a resistência de assimetrias de gênero na qual a reafirmação da masculinidade hegemônica, heteronormativa e machista, se fazem imperativa.

Palavras-chave: Gênero. Masculinidades. Sociabilidades juvenis.

Introdução

O objetivo deste texto é aprofundar-se sobre questões específicas acerca dos processos de (re)produção de sentidos, significados e saberes juvenis sobre gênero e masculinidades. Ele surge de reflexões elaboradas no decorrer da pesquisa de doutorado “Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis”, desenvolvida com jovens frequentadores de

praças da cidade de Fortaleza/CE¹. A pesquisa, de cunho etnográfico, buscou compreender como esses jovens articulam e mobilizam nesses espaços de sociabilidades, os marcadores e os dispositivos de gênero e sexualidades.

¹ Recorro às discussões sobre as experiências juvenis nos espaços urbanos, em especial, sobre o potencial educador da cidade na vida dos jovens, a partir de Paulo Carrano em “*Juventudes e Cidades Educadoras*” (2003), no entanto, neste texto, essa discussão não será discutida diretamente, ficando nas entrelinhas do texto.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O percurso metodológico da pesquisa utilizou técnicas como observação participante, grupos de discussão e entrevistas semiestruturadas e teve a duração de oito meses. Teve “juventudes” e “sexualidades” como categorias de análise principais, de maneira que transitou entre os campos de estudo da juventude e da sexualidade, compreendendo-os sob a perspectiva das experiências juvenis como educativas.

Entre outras questões, a pesquisa identificou arranjos de grupidades juvenis caracterizados pelo encontro de uma diversidade de estilos e sexualidades e por relações juvenis marcadas pela fluidez das práticas afetivo/sexuais, na qual as identidades sexuais, como a heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, são experienciadas na dinâmica dos trânsitos afetivo/sexuais, das misturas juvenis. Sociabilidades marcadas pelo que o/as jovens denominam de “tempos de misturas”. *Seriam, pois, espaços/tempos de subversões dos padrões hegemônicos de gênero? Quais representações de masculinidades são acionadas nesse contexto?*

Esse jogo de representações de gênero e de masculinidades é acionado por uma diversidade de mecanismos de vigilâncias, de policiamento de comportamentos que

oprimem os jovens, (re)significam e manipulam marcadores e dispositivos de gênero, produzem categorias êmicas específicas a partir das “culturas juvenis” (PAIS, 2003), de modo a desenharem sociabilidades tomando como eixo determinante de suas relações afetivo/sexuais as identificações com estilos e marcadores de gênero.

2 Juventudes, Gênero e Masculinidades: (re)produções conceituais e/ou empíricas

É comum, nos estudos da juventude, a afirmativa de que a investigação sobre e com jovens é sempre um desafio àquele(a)s pesquisare(a)s que há algum tempo alçaram ao *status* da vida adulta. Isso porque estamos sempre a imaginar o universo juvenil como um campo em constantes transformações. Premissa alimentada pela ideia de que “ser jovem” implica em ser um sujeito histórico, imerso em um espaço/tempo singular e a “juventude” uma categoria sociológica em constantes mutações. No mesmo sentido, os estudos sobre as questões de gênero, em especial aqueles desenvolvidos na perspectiva do pós-estruturalismo, apontam para as constantes ressignificações de categorias como “gênero”, “mulher”, “homem”, “feminidade”, “masculinidade”, entre outros. A célebre afirmativa de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se” é um exemplo clássico desse pensamento.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Compartilho do pensamento de que o “tornar-se” jovem, mulher, homem está condicionado ao emaranhado do tecido social do qual somos sujeitos constituintes. Se para alguns, a perspectiva do “tornar-se” - que vai de encontro aos essencialismos conservadores - pode ser uma teoria de difícil compreensão e aceitabilidade, o quadro se problematiza ainda mais quando observamos as multiplicidades simultâneas que tais categorias podem adquirir em determinado modelo de sociedade e até no bojo de um grupo social específico.

Nesse texto, a abordagem sobre e com a juventude está centrada na perspectiva das culturas juvenis desenvolvidas por Machado Pais, ou seja, sob as prerrogativas de que ser jovem ultrapassa a dimensão delimitatória da faixa etária e abrange uma diversidade de elementos socioculturais que são vislumbrados quando analisamos a experiências microssociais da vida dos jovens em sintonia com as dimensões históricas e culturais às quais estão imersos. Parte-se da compreensão da juventude como uma categoria social. Cabe aqui a premissa de que no “cotidiano juvenil, as relações entre pares, as relações na família, na escola, na igreja, suas trajetórias, seus sonhos e projetos de vida etc., vão compondo um mosaico dos estudos da juventude” (JOCA, 2017).

Areladas a esses aspectos, questões sociais relevantes (como as relações etnicorraciais, as questões de gênero, de

classe, as formas como agenciam marcadores de diferenças e desigualdades, como (re)elaboram e (re)significam saberes e fazeres), vão, por vezes, atravessando a vida do(a)s jovens, de maneira a nos fornecer pistas dos modos, das percepções, dos saberes e das ações elaboradas nas diversas, contraditórias e complexas redes sociais que, por vezes, denominamos de “universo juvenil” (JOCA, 2017, p. 109).

Assim, os estudos sobre gênero e masculinidades são tomados na esteira das análises sobre a vida juvenil, pois se entrecruzam no campo da epistemologia sobre juventude, de maneira a constituir e se construir como/um extrato das experiências juvenis acerca dessas categorias, a partir das análises de seus modos de viver, de criar e recriar alternativas de se constituir como homens e mulheres jovens.

No campo dos estudos sobre a masculinidade, no Brasil, destaca-se a obra “*Nordestino: a invenção do falo*” de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que nos ajuda a refletir sobre os processos culturais da produção da masculinidade trazendo como cenário a história do nordeste brasileiro e da produção do nordestino como campo para a análise sociocultural acerca da masculinidade. A obra problematiza a “experiência de ser homem” a partir do olhar sobre a produção da cultura nordestina indo na



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contramão da perspectiva psicanalista da binaridade do gênero, questionando seu caráter essencialista e determinista.

Podemos pensar que a heterogeneidade desses conceitos é resultante da coexistência de percepções diversas de sociedade, de humanidade e de mundo. Ao observamos sob a ótica da educação - entendida como experiência - o campo das experiências de cada sujeito pode conduzi-los a perspectivas singulares de mundo. Em uma sociedade democrática, fundada na valorização dos direitos individuais e, portanto, permeada por uma diversidade de princípios, valores e crenças, seria contraditório a imposição de unívoca de questões que dizem respeito aos modos de vida em sociedade.

A sociabilidade juvenil aqui estudada é caracterizada pela diversidade de orientações sexuais e de estilos e grupos juvenis e está imersa em uma ampla heterogeneização de identidades e/ou identificações. Assim, a categoria êmica “mistura” toma o sentido, para o/as jovens, da representatividade do convívio com as diferenças juvenis, ao afirmarem a constituição de supostas relações entre pares nas quais as diferenças – de estilos e de sexualidades - seriam negligenciadas, de modo a subverterem as hegemonias socialmente impostas, em especial, no que diz respeito às relações de gênero e às questões de diversidade de orientação sexual.

No entanto, em meio ao discurso de exaltação das misturas juvenis pode-se observar no desenho tais sociabilidades a constituição de mecanismos socioculturais de aproximações e distanciamentos que tomavam como referências os estilos, os gêneros e a orientação sexual. Desse modo, os “tempos de misturas” são postos em questionamento pelo pesquisador a partir da identificação de seus limites, de suas fragilidades, nos quais se identifica nessas sociabilidades questões pertinentes relacionadas a assimetrias de gênero, aos modelos de relações afetivo/sexuais e aos processos de construção de categorias êmicas relacionadas aos estilos e orientações sexuais.

Em meio a autoafirmação de viverem em “tempos de misturas” de orientações sexuais e de estilos juvenis, de “homem de verdade” à “bichas pintosas”, uma diversidade de categorias êmicas surgem no repertório dessas misturas juvenis, a determinarem o ornamento das relações afetivo-sexuais e das grupalidades constituídas. É nesse contexto que a questão da masculinidade toma evidência uma vez que se identificam estilos, estéticas, modos de vida e relações e comportamentos afetivo/sexuais que tomam o gênero e a orientação sexual como referencial de pertencimentos. A fluidez de práticas afetivo/sexuais é vivenciada e socialmente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

aceitável com bastante liberdade entre as garotas heterossexuais lésbicas ou bissexuais e os garotos identificados como “coloridos” e/ou gays ou bissexuais, no entanto, aos garotos considerados heterossexuais, “homem de verdade”, “boy”, não era permitido tal fluidez, em nome da permanência nessas categorias.

Os espaços, e as interações nele vividas vão se moldando por meio da elaboração de códigos de condutas próprios, de modo a viabilizar a convivência com a tão valorizada “mistura” da diversidade de estilo e orientação sexual. A sociabilidade mantém como referência os marcadores binários e heteronormativos de gênero e sexualidades, mesmo que estes, por vezes, se vejam negligenciados a despeito das transgressões empreendidas pelo/as jovens.

Cenas de “boys” skatetistas esbanjando sensualidade - num ritual de exposição de uma masculinidade heterossexual incontestável - sob o desprezo das “bichas pintosas” que se limitam a admirá-lo e que também anunciam sua homossexualidade nos informam tão quão demarcada estão as fronteiras que ainda os separam. Tais fronteiras se fazem visíveis de maneira velada pela ausência, pela coletiva e indiscutível inviabilidade de se quer ousa comentar na possibilidade de um “affair”, ou

até mesmo de um “fica”, da possibilidade de uma relação afetiva/sexual no modelo bicha/boy. Estavam eles separados por um código de conduta onde a heterossexualidade de alguns não se permitiria ver-se objeto de desejo de outros (homossexuais). Nesse contexto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre garotos restringe-se ao gay/gay e às categorias nativas ali descendentes.

Peter Fry (1982), ao analisar o sistema de classificação das identidades sexuais em periferias de Belém descreve “uma nova taxionomia” que, segundo ele, se desenvolveu entre as classes médias das grandes metrópoles na década de 1970. Neste texto, o autor apresenta dois modelos de relações afetivo-sexuais entre homens: o modelo hierárquico e o modelo simétrico².

Quanto aos sistemas de classificação, Fry (1982, p. 88) nos lembra que “há várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas variam de região para região, de classe para classe social e, sobretudo, de um momento histórico para outro”. Para Joca (2016), “além dos referenciais (territorial/classe/histórico) enumerados por Fry, há peculiaridades oriundas das experiências vividas pelos

² Ver em: “Para Inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira” (FRY, 1982) e “O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo” (PERLONGHER, 1987).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

sujeitos”, lembrando que

os modos de vida juvenis em sociabilidades marcadas pelas “misturas”, especialmente no que diz respeito à sexualidade e aos estilos juvenis, levam os jovens a uma dinâmica de classificação identitária que toma os estilos (aqui entendidos também como estética e performances) como um forte elemento de representações para elaboração de categorias identitárias específicas dos contextos juvenis. Digo isso partindo da percepção que, por muitas vezes, entre o(a)s jovens, o estilo é acionado como dispositivo identitário para a classificação da sexualidade (JOCA, 2016, p. 192).

Em meio a categorias como “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha estilosa*”, “*boyzinho*” alguns estilos como o emo, o *punk* e o roqueiro – com maior intensidade que outros, são também portadores de materiais e simbólicos determinantes para a associação entre estilo e sexualidade. Dessa maneira, o anúncio e a expressão da sexualidade por meio do estilo e vice-versa elaboram códigos, criam representações, associações, mesmo que essas se vêm questionadas pela subjetividade e fluidez das experiências

afetivo-sexuais juvenis.

Nas praças, um suposto binarismo “*darks/coloridos*” tenta, mesmo que hipoteticamente, determinar quem é quem nessa “*mistura*”. Vale lembrar que as categorias não tomam diretamente (ou somente) as práticas sexuais como determinantes, uma vez que, para os jovens, a estética e/ou performances surgem como importantes recursos para a afirmação da sexualidade e da orientação sexual.

Ali, em meio a “*turmas*” e “*grupos*” de misturas, as relações entre garotos heterossexuais e homossexuais estão fadadas a interações esporádicas, essas, por vezes, empreendidas pela necessidade da rejeição (por parte de garotos heterossexuais) a resquícos considerados homofóbicos e pela tentativa de vivenciar na prática (de sociabilidade da praça) a convivência com a diversidade sexual, propagada pelo discurso politicamente correto exigido pelos tempos em que a homofobia se torna denúncia pública.

A negociação de interações, níveis e/ou modalidades de interações juvenis, vividas nesses espaços dificilmente negligencia a sexualidade (ou orientação sexual) dos sujeitos. A sutil diferença entre ser amigo, ser conhecido, fazer parte ou não do mesmo grupo, passa por um campo de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

identificação entre os sujeitos e, nesse campo, a orientação sexual surge silenciosamente como determinante dos lugares a serem ocupados, das turmas e dos tipos de relações entre os jovens. Aproximações e distanciamentos vão se elaborando numa teia de relações entre os jovens sem que esses processos se façam tão visíveis e conscientes.

Apesar de sua aparente irrelevância entre os juvenis, os códigos de masculinidade e de orientação sexual estão impostos à manutenção dos marcadores hegemônicos heteronormativos.

Por meio de códigos e signos juvenis, uma diversidade de categorias êmicas dá sentidos às experiências vividas coletivamente entre pares, atribuindo significados aos saberes elaborados por meio do vivido. A polaridade homossexualidade/heterossexualidade, assim como as categorias instituídas para a diversidade de orientações sexuais - LGBT - parecem não comportar as peculiaridades da diversidade de estilos e práticas afetivo/sexuais experienciadas na sociabilidade juvenil. Isso não significa um abandono extremo dessas categorias identitárias e de orientações sexuais, (elaboradas no campo acadêmico e de lutas políticas nas últimas décadas³), mas uma

ressignificação de códigos e signos marcadores de gênero e sexualidades capazes de elaborar categorias sexuais tão fluidas e instáveis quanto as experimentações juvenis.

As expressões juvenis, especialmente as corporais e performáticas, elaboram novos signos e códigos e, assim, demandam a elaboração de uma nova semântica que se aproxime da subjetividade de suas experimentações e das interpretações de desejos, prazeres e práticas afetivo/sexuais. Filtram-se assim diferenças e semelhanças sexuais e as dimensões do desejo e da estética se fazem *locus* desse processo de produções de categorias êmicas sobre a sexualidade.

A fluidez e instabilidades de práticas e experiências juvenis vão moldando-se por uma heterogeneização de saberes e fazeres que tomam as individualidades de cada jovem como fonte de suas percepções práticas. Não há, assim, um consenso que as definam enquanto categorias, enquanto identidades inquestionáveis sobre as quais se elaborem “verdades” absolutas acerca do gênero e da sexualidade. Seriam, pois, identidades culturais, conforme afirma Seffner (2004).

A instabilidade sobre o que se compreende e se vive tem o tempo e as experiências juvenis como elementos desse processo em que a aprendizagem se faz

³ Ver Facchini (2005) em: “*Sopa de Letrinhas*:

Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90”.



vivendo e convivendo coletivamente sem ignorar os saberes oriundos de outros espaços sociais e das experiências individuais de cada jovem.

Alguns marcadores de masculinidade se fazem presentes com maior nitidez quando analisamos os modos como estes se mobilizam e são mobilizados pela adoção de estilos juvenis. A exemplo, uma suposta polaridade em ser “*boyzinho*” e ser “*emo*”⁴ revela o quanto essas categorias carregam consigo tais marcadores. Enquanto ser “*boyzinho*” equivale a posse de características atribuídas à masculinidade – independente da orientação sexual - ser “*emo*” estaria associada a uma suposta homossexualidade que o distanciaria de estereótipos masculinos.

Para os jovens, a transição de “*boyzinho*” para “*emo*” faria, então, parte de um possível processo de mudança identitária ou apenas de estilo (mudança estética), estando subentendido a percepção de que um “*boyzinho*” não se encaixaria no perfil de um “*emo*” e vice-versa. Diferente do “*boy bafom do skate*”, o “*boyzinho*” ou “*emo*” estaria na margem de acessibilidade (no campo do desejo e da prática) das “*bichas pintosas*”, sem romper com os códigos estabelecidos

pela dinâmica afetivo/sexual vivida, e silenciosamente acordada.

Recorrendo a Butler, Bento (2006, p. 87) afirma serem as performatividades de gênero, as “reiterações contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo”. Estaria o gênero “inscrito em um campo discursivo determinado” por “suposições e expectativas” em torno das quais se estruturam as performances de gênero (p. 88).

O corpo inicialmente “inscrito em um campo discursivo determinado” pela relação heteronormativa corpo/sexo/gênero mobiliza “um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se cunha causa” (BENTO, 2006, pg. 87). É o que Buther (2003) chama de heteronormatividade compulsória.

Assim, Butler (2003), Louro (1997) e Bento (2006), afirmam que as performatividades e estéticas de gênero são sócio e culturalmente empreendidas discursivamente antes mesmo do nascedouro e estão na base dos processos formativos dos sujeitos, a moldar suas vidas como “homens”

⁴ A explicação da categoria “*boyzinho*” e do estilo *emo* encontram-se respectivamente nas páginas 280 e 210.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ou “mulheres”, por meio das representações simbólicas e materiais, sob a perspectiva binária e polar dos gêneros.

Após o nascimento da criança, os investimentos discursivos dirigem-se para a preparação do corpo, afim de que este desempenhe com êxito os papéis de gênero: bonecas, saias e vestidos para as meninas; bolas, calças, revólveres para os meninos. Parece que nada escapa à “panóptica dos gêneros”. O mundo infantil se constroi sobre proibições e afirmações.[...] A infância é o momento em que os enunciados performativos são interiorizados e em que se produz a estilização dos gêneros: “Homem não chora”, “Sente-se como menina!”, “Isto não é coisa de uma menina!”. Esses enunciados performativos têm a função de criar corpos que reproduzam as performances hegemônicas. Conforme sugeriu Butler, são evocações ritualizadas da lei heterossexual (BENTO, 2006, p. 89-90).

Tais construções discursivas são materializadas, segundo Bento, no campo estético do corpo dando visibilidade aos treinamentos corporais de formação dos *habitus* de gênero, por meio da elaboração estética da “aparência de gênero”. Foi no intuito de observar os empreendimentos heteronormativo e binário dos gêneros para além do campo discursivo e considerando o

corpo como matriz, das representações de gênero, portanto, *locus* da construção identitária do gênero, que Bento (2006) observou na relação gênero/corpo os significados da estética corporal.

No âmbito desta pesquisa, a estética e a performance de gênero são dimensões importantes na discussão e análise dos modos de vida e sexualidade empreendidos nas interações juvenis, uma vez que tanto uma como outra dimensão são parte dos estilos juvenis específicos e, portanto, dialogam com marcadores simbólicos e materiais oriundos da estética e das performances de gênero. São esses estilos, expostos em seus corpos, a forma como o(a)s jovens expressam seus modos de vida, empreendidos por um campo de variações de sentidos e negociações com performances de gênero.

Quanto às transgressões, quando tais códigos são rompidos, as fronteiras são atravessadas por afetividades que põem em xeque estas convenções e parâmetros de orientação sexual e estilo. Abre-se um campo de questionamentos e dúvidas sobre a eficácia e fixidez dessas condutas.

Ente esses jovens, a polaridade roqueiro/*gay* é bastante reforçada. No entanto, em alguns casos, a mistura de estilo/orientação sexual ficou bastante perceptível e ao manter-se na interseção entre



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“*ser roqueiro*” e “*ser gay*”, rompe-se com a suposta polaridade, instituída de maneira explícita e/ou implícita na sociabilidade das praças.

Essas categorias “*bicha pintosa*”, “*bicha*”, “*viadinho*”, “*boyzinho*”, “*colorido*”, “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*boy*”, “*boy bafom*” não fazem referência exclusivamente à orientação sexual, mas anunciam um mostrar-se por meio de uma estética que se materializa no corpo, na imagem e nas performances (indumentária, gestos, gostos etc.), mas trazem referenciais culturais dos dispositivos da sexualidade que estão intrinsecamente atrelados aos padrões hegemônicos de masculinidade.

Essa estética corporal não seria fixa, mas fluida e além das práticas afetivo/sexuais, a estética seria um dos referenciais de identificações não apenas dos modos de vida, mas da orientação sexual, ou simplesmente, de determinados padrões de masculinidade e feminilidade.

O autor refere-se aqui ao sistema de classificação baseado no modelo hierárquico - homem/bicha - no qual os papéis de gênero se relacionam hierarquicamente: masculino/feminino. Alguns jovens não se enquadrariam no perfil do passivo, da feminilidade, tampouco o “*boy hetero*”. Aos

jovens que se afirmam como “*hétero*” haveria de escolher relacionar-se sexualmente com um “*viadinho*”, o que lhe garantiria a posição da masculinidade do ativo, de acordo com o modelo hierárquico observado por Peter Fry (1982). O que está em jogo talvez não seja a orientação sexual, mas manutenção do binarismo masculino/feminino, ativo/passivo. Aqui, a heterossexualidade se deslocaria da dimensão biológica da relação de gênero homem/mulher adotando como referenciais os marcadores culturais de feminilidade/masculinidade.

No entanto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo mais empreendido nas praças seria o bicha/bicha, no qual a masculinidade não seria contestada, mas negociada na esteira dos desejos e prazeres, mesmo porque a “*bicha*” aproximar-se-ia mais da feminilidade, o que já implica na negação do masculino. Não haveria aí um comprometimento com a prática “ativa” no ato sexual. Restrinjo-me aqui exclusivamente às relações afetivo/sexuais entre garotos, por compreender que as práticas e afetividades sexuais assumem outras dimensões quando tratamos das garotas, onde as questões de gênero se voltam aos imaginários femininos, a serem discutidos ainda nesse capítulo.



Assim, acerca do elemento de análise em questão: a masculinidade heteronormativa, ou melhor, aos empreendimentos em mantê-la intocada, é em prol dela que os “*boys*” tornam-se inacessível, socialmente distantes das “*bichas pintosas*” e é em nome dela que se faz a impossibilidade da relação afetivo/sexual boy/boy.

3 Masculinidades sob Subversões e (Re)Produções Juvenis

Nas praças, os significados em torno do estilo e da orientação sexual juvenil elaboram uma diversidade de categorias êmicas referentes a masculinidade: *homem*, *Boy*; *boy bafom*; *boyzinho*; *colorido*; *gayzinho sem estilo*; *bicha*; *bicha estilosa*; *bicha pintosa*. Estas categorias estão relacionadas por aproximações e distanciamentos ao binarismo de orientação sexual (heterossexualidade/homossexualidade) masculina, e funcionam apenas como ilustração dos modos como estilo e sexualidade negociam códigos e estabelecem trânsitos estéticos e sexuais.

Nos discursos dos jovens, a categoria “*homem*” é utilizada ao referirem-se aos garotos heterossexuais. Aqui, a associação homem/heterossexualidade é emblemática como afirmação do imperativo da masculinidade heteronormativa. Ser homem

alimenta a lógica associativa de homem/masculinidade/heterossexual. O uso do termo como um designador da “heterossexualidade”, resulta na ausência desta nas reflexões e discussões cotidianas dos jovens, o que não ocorre com a homossexualidade, estando esta sempre em evidência.

O “*Boy*” seria uma categoria atribuída aos garotos heterossexuais. No entanto estes termos transitam em um campo de significação entre o “ser” ou “estar”. Este, referindo-se a um estado momentâneo, temporário, fluido, identificado a partir de expressões estéticas e performáticas, como forma de apropriação de um estilo “*boy*”. Em virtude da apropriação de marcadores associados à masculinidade heteronormativa (exaltação da força, agressividade, esportes de risco, práticas culturalmente atribuídas à masculinidade etc), no contexto do campo aqui analisado, o estilo boy estaria mais próximo dos roqueiros, *punks*, *skatistas*, *bboys*, pirangueiros. No entanto, “*estar boy*” pode fazer parte de espaços/tempos de jovens *gays* ou bissexuais e estaria fora dos limites dos jovens que se distanciam performaticamente dos referenciais de homossexualidade masculina e próximos dos códigos associados, tradicionalmente, à feminilidade.



Algumas categorias êmicas atribuem características bastante específicas. O “*boy bafom*”, corresponderia aos garotos, geralmente heterossexuais com uma estética e performance corporal que, além dos marcadores de masculinidade heteronormativos, têm no campo do desejo, da libido, o diferencial categórico. Os atributos de “*boy*” ou “*boy bafom*” podem, perfeitamente serem designados aos garotos *gays* que adotam a estética e as performances da masculinidade heteronormativa, independente da prática e do desejo sexual, no entanto, essas categorias são atribuídas com maior ênfase aos garotos heterossexuais, demarcando aproximações e distanciamentos, tomando como referência tanto o estilo quanto a orientação sexual.

As demais categorias, “*colorido*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*”, “*bicha estilosa*”, “*bicha pintosa*”, “*viadinho*”, demarcam diferentes modos e maneiras de representações da homossexualidade. Essas representações estão no campo dos construtos hegemônicos de gênero e orientação sexual. O “*boyzinho*” designa a corporificação do imaginário da masculinidade heteronormativa, o lugar do “*boy*”. Seria ele, a camuflagem de uma homossexualidade por meio da adoção de uma estética e

performance heterossexual masculina no corpo de um jovem gay.

Entre esses jovens, o campo da hegemonia masculina heteronormativa do “*boy*” é exatamente o imperativo do “*roqueiro/punk heterossexual*”. Esse imperativo é negado na vivência explícita de uma homossexualidade *dark*, fazendo-se contestadora de uma associação entre estilo e sexualidade juvenil que problematiza a masculinidade homossexual no âmbito do universo *dark* dos *punks* e roqueiros. Abre-se aqui a possibilidade de um colorido *dark*, um *boy bicha*, um homem *gay*.

No universo das expressões estéticas e performáticas da homossexualidade masculina nas praças, os “*coloridos*” seriam aqueles que independente da orientação sexual expressam na indumentária não somente um arsenal de cores, mas um estilo conhecido também como “*restart*” aproximando-se de uma valoração com o desejo de ser ou parecer “*cult*”, “*moderno*”, “*transado*”. A premissa de que esses atributos estariam no âmbito dos anseios de jovens *gays* faz com que os “*coloridos*” estejam, no imaginário dos jovens, mais próximos da homossexualidade.

As categorias “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*” e “*bicha pintosa*” permeiam um campo muito mais



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

próximo da sociabilidade e do imaginário dos próprios garotos *gays* do que dos “*boys*” (os garotos heterossexuais). Elas funcionariam como referenciais de diferenciações entre si, ou seja, entre os garotos *gays*. Seriam elas (as categorias) (auto)atribuídas aos garotos *gays* efeminados, em uma escala de aproximação com o instituído como feminino. Assim, estaria a “*bicha pintosa*”, ou simplesmente, “*a pintosa*” no topo desse lugar e a “*bicha estilosa*” mais distante em virtude do deslocamento que o estilo lhe posiciona.

Seria o estilo, a estética, que os diferencia em uma escala hierárquica. “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*”, “*bicha pintosa*”. A ausência de um estilo, em meio a interações demarcadas, especialmente, pela estética e sua relação com identificações diversas de estilos, iria, pois, restringir alguns à identificação exclusiva pelo viés da orientação sexual. À “*bicha estilosa*”, independente de seu empreendimento performático, o estilo pode lhe colocar em um patamar de relações diferenciado, transitando por outras “*turmas*” e por outros grupos que não fossem os das “*bichas*”.

Vale ressaltar que, junto a alguns grupos, ainda persiste o imperativo da performatividade masculina heteronormativa, mesmo que haja uma identificação do jovem com a homossexualidade. Aqui, os grupos de

punks, roqueiros e bboys se aproximam mais dessa hegemonia masculina heteronormativa.

4 Algumas Considerações

Nas praças, as representações de masculinidades juvenis, desejam demarcar em si e nos outros marcadores de diferenças e semelhanças a partir de identificações com estilos e sexualidades. Assim, o/as jovens acionam um emaranhado de possibilidades de interações, pois as identificações são múltiplas e cruzam-se inevitavelmente frente à subjetividade da sexualidade juvenil. Essas sociabilidades são processos de descobertas, sem aprisionamentos ao instituído no campo das normalidades determinantes das sexualidades, mas mantendo com essas, uma intrínseca relação. Essa relação se faz presente quando analisamos os marcadores de masculinidades juvenis a partir da adoção de seus estilos e performances.

Aqui, tanto os estereótipos instituídos pela heteronormatividade quanto os rótulos identitários da diversidade de orientação sexual vazam pela dinâmica subjetiva da sexualidade vivida nas experimentações. Misturam-se, confundem-se, reordenam-se em arranjos de relações nas quais as representações sobre corpos, feminilidades e masculinidades manipulam as condutas de amizades, afetos e práticas sexuais juvenis.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Em meio a uma suposta superação dos marcadores tradicionais de gênero e orientação sexual, o imperativo binário – masculino/feminino se mantém sobre novas facetas, novos determinantes simbólicos, que rompem com o biológico e legitimam marcadores culturais afirmadores de múltiplos desejos e possibilidades, para além da heteronormatividade. No entanto, evidencia-se a resistência de padrões heteronormativos de masculinidade como marcadores de gêneros e orientações sexuais. O lugar privilegiado da masculinidade mantém-se sob o crivo de sua supremacia à feminilidade e demanda normas de reafirmação deste lugar. A pesquisa identifica ainda a resistência de assimetrias de gênero na qual a reafirmação da masculinidade hegemônica, heteronormativa e machista, se fazem imperativa.

Referenciais

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si.** Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa/PT: Fim de Século Edições LDA, 1995.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo:** Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver:** Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por Anjos:** modos de vida, educação e sexualidades juvenis – 2. Ed. / Alexandre Martins Joca – Curitiba: CRV, 2016.

_____. (Meta)Linguagens, Epistemologias e Juventudes: um ensaio sobre cotidiano, pesquisa e produção de sentidos. In: **Juventudes:** possibilidades em movimento / Alexandre Martins Joca, Dorgival Gonçalves Fernandes (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. (org.) **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003a.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O Negócio do Michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1987.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (orgs.). **Construções da Sexualidade:** gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade, IMS/UERJ e ABIA, 2004.